

## “S-X-R” ou “A-X-B”?

Entrave afetivo-intelectual frente ao Vigotski do período da dita “teoria histórico-cultural” (1928-1931)

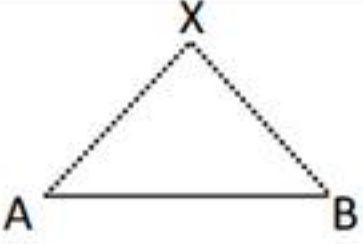
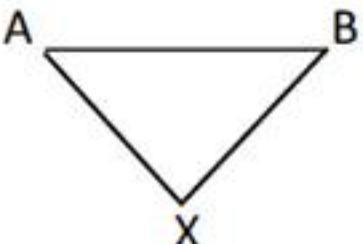
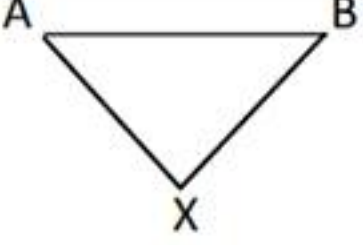
---

Tenho um “problema cognitivo (afetivo-intelectual)” com o Vigotski do período da dita “teoria histórico-cultural” (1928-1921). Já o havia notado por volta de 2010, mas negligenciei. Porque havia coisas mais importantes em Vigotski para estudar que anacronismos da (por adversários) chamada “teoria histórico-cultural”. Mas hoje, para fins didáticos de resgate histórico devo me aprofundar no conceito de *signo* da mesma, negado e superado (por incorporação?) de 1932 e 1934. Por isso, vou dizer qual a dificuldade cognitiva. Lembrem-se de Vigotski retomar a alegoria do “Asno de Buridan”, em “História do desenvolvimento das FPS” de 1931? Para mim a questão era a seguinte: o asno agia apenas por estímulo-resposta. Então se, faminto, estivesse à mesma distância de duas moitas iguais de grama, uma à esquerda outra à direita, morreria de fome. Pois a resposta de ir até a moita da direita anulava a igual resposta de ir até a moita da esquerda. Ele ficava paralisado e morria de fome. Lembrem?

É uma alegoria, linguagem figurada, jamais aconteceria na vida animal real. Mas Vigotski gosta delas para tecer suas elucubrações. Então se pergunta: “Por que um ser humano nunca morreria de fome na mesma situação?” Simples, ele poderia “jogar uma moeda” para decidir até qual das moitas iria primeiro (troquem por dois pratos com salmão grelhado se não quiserem que nosso homem coma grama). Mas o que se extrai de teórico dessas situações imaginárias? A distinção entre o animal agir apenas por S—R, enquanto o homem também age por S—R, mas não apenas assim. Além disso, temos a possibilidade de, entre S e R, colocar outro tipo de estímulo: “o lado da moeda que cai para cima”. Estímulo que, para todos os fins, o autor chama de “signo” ou “estímulo-meio”, nessa fase de seu trabalho em psicologia. Tal “estímulo-meio” também é passível de se representar por

“X”. De modo que no humano não haveria apenas S—R, mas também S—X—R. Algo ausente nos outros animais.

Isto é artificial e abstrato, difícil de se exemplificar na vida humana real. Mas era como eu via que Vigotski podia formular naquele momento histórico, em que era preciso ao mesmo tempo dizer que o ser humano não foge as leis objetivas da natureza, e tem capacidades únicas que outros seres na natureza não possuem. Antes de historicamente passar a atentar para o fato de que o signo “tem significado” (1933-1934). Mas não é tão simples. Relendo textos cuja forma paradoxal de apresentação, eu havia negligenciado, por ser algo depois superado, vejo que é mais difícil de aceitar do que antes. Pois, em três obras, não temos “S—X—R” como deduzi da diferenciação entre homem e asno, mas “A—X—B”. Sendo A e B igualmente “estímulos”!

<p><b>De 1928:</b> “O problema do desenvolvimento cultural da criança”. Que Puzirei (1989) chama de “manifesto da [dita] teoria histórico-cultural”</p>	
<p><b>De 1930:</b> “O método instrumental em psicologia”</p>	
<p><b>De 1931:</b> “Análise das funções psíquicas superiores” – Capítulo 3 de “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores”</p>	

Ora diz Vigotski que tudo isso se baseia no mesmo mecanismo biológico elementar que é o reflexo condicional pavloviano. Uma relação “direta” de A com B, possível de estar presente nos animais, seria por justaposição repetida dos dois estímulos. Até A eliciar a mesma resposta que B, ou vice

e versa. Mas está abstraído o problema de que qual seria a resposta (R) que o organismo emite para “A” ou para “B”. Digamos que por meu computador estar sempre sobre essa mesinha de madeira quadrada, quando um dia ele for levado para o concerto e eu olhar para mesa vazia lembrarei dele. Ou caso eu passe a mesinha para a cozinha e ponha o computador em uma mesa maior (não é meu plano), quando eu olhasse para a mesinha na cozinha eu me lembraria do computador. Muito bem, a “resposta” é “lembrar”. Mas não está representa em “A—X—B”.

Não posso mais interpretar:

“ $A_{\text{Estímulo}}—X_{\text{Signo}}—B_{\text{Resposta}}$ ”

a partir de meu entendimento inicial:

“ $S_{\text{(dois montes de grama)}}—X_{\text{(lado da moeda que cai)}}—R_{\text{(ir ao monte de grama sorteado)}}$ ”

pois percebo estar posto algo mais complicado:

“ $A_{\text{Estímulo A}}—X_{\text{Estímulo X}}—B_{\text{Estímulo B}}$ ”

Sendo que o mais espinhoso de se tratar teoricamente é a proposição, um tanto arbitrária, de que relações entre “A—X” e “X—B” (ou, pela mesma lógica, de “B—X” e “X—A”) são, cada qual, consideradas idênticas à relação “A—B”. Ou seja, todas, *de modo analítico* se reduzem a um emparelhamento condicional de estímulos. O que haveria de distinto seria a função dos elementos na “estrutura” – algo mais progressista, mas difícil de elaborar sem esclarecer a “análise”. Quem se habilita a me dar exemplos reais disso na vida humana? Exceto as gambiarras fabricadas em experimentos de laboratório por Vigotski e seu grupo com esse A-X-B? Precisamos disso para avançar para a conceituação de Vigotski sobre o significado em período mais avançado e mais radical de seu trabalho social em psicologia.

Achilles (a serviço do CED-BR)  
Brasil, 23 de janeiro de 2017.